

Recebido em: 08/04/2024

Publicado em: 01/09/2024

DOI: 10.33872/conversaspsico.v5n2.e004

**A AUTOESTIMA DA MULHER NEGRA FRENTE AOS PADRÕES DE BELEZA
IMPOSTOS PELA BRANQUITUDE**

Sandra Regina Gomes Constante 0009-0009-9313-5484

Pedro Braga Carneiro 0000-0001-8585-9364

RESUMO. Cada vez mais mulheres negras vem assumindo sua beleza natural, com todos seus traços, cor da pele, volume e textura de seus cabelos. O cabelo da mulher negra como símbolo de uma resistência vem ganhando espaço onde o liso era soberano. Atualmente podemos dizer que a beleza negra vem sendo aos poucos reconhecida e legitimada em alguns poucos setores, mas continua a encontrar resistência e opositores. Até pouco tempo atrás, o negro não era considerado belo, mas sim sinônimo de traços grosseiros, pouco refinados, uma raça inferior. A estética apreciada e almejada, portanto, é a do padrão europeu, que se mantém ao longo dos anos sendo alimentada e validada pela supremacia branca - branquitude. O processo de colonização deixou cicatrizes. Cicatrizes que de tão profundas não permitiram às mulheres negras enxergarem em si uma beleza única e singular. As tornou mutiladoras de seus próprios corpos e símbolos, encurraladas pela necessidade de inclusão, aceitação, proteção e respeito. Desta forma, este artigo tem como objetivo incentivar mulheres negras a reconhecer e legitimar a beleza afrodescendente, não validando e não se rendendo aos ataques feitos pela indústria cosmética e mídias para se automutilarem para se enquadrarem em um padrão discriminatório, segregador e profundamente racista.

Palavras-chave: Mulher negra; Autoestima; Padrão de beleza.

**BLACK WOMAN'S SELF-ESTEEM IN FACE OF BEAUTY STANDARDS IMPOSED BY
WHITENESS**

ABSTRACT. More and more black women are embracing their natural beauty, with all their features, skin color, volume and texture of their hair. Black women's hair as a symbol of resistance has been gaining ground where straight hair was sovereign. Currently we can say that black beauty is gradually

being recognized and legitimized in a few sectors, but it continues to encounter resistance and opponents. Until recently, black people were not considered beautiful, but rather synonymous with coarse, unrefined features, an inferior race. The appreciated and desired aesthetic, therefore, is that of the European standard, which has maintained over the years being fed and validated by white supremacy - whiteness. The colonization process left scars. Scars that were so deep did not allow black women to see a unique and singular beauty in themselves. It made them mutilators of their own bodies and symbols, trapped by the need for inclusion, acceptance, protection and respect. In this way, this article aims to encourage black women to recognize and legitimize Afro-descendant beauty, not validating and not surrendering to attacks made by the cosmetic industry and media to self-mutilate to fit into a discriminatory, segregating and deeply racist pattern.

Key-words: Black woman; Self-esteem; Beauty pattern.

Introdução

Este artigo visa trazer um apanhado histórico sobre a construção objetiva e subjetiva de padrão de beleza e como ela afeta a autoestima da mulher negra. Os relatos vêm sendo contados desde o processo de colonização, que vitimou povos originários e negros africanos, um processo que se estendeu por quatro séculos no Brasil.

O objetivo principal é de dismantlar esse padrão de beleza branco eurocêntrico tido como universal que se mantém em detrimento da beleza negada dos demais grupos, em destaque, da mulher negra. Dismantelado esse padrão tido como universal, tem-se o intuito da promoção do amor e identificação com a negritude como parte essencial na construção de identidade e representatividade. Esse convite ao amar a negritude se estende a todos os demais grupos não negros também, como parte do processo de reconhecimento de sua branquitude, no caso de pessoas brancas, e de conscientização social desse processo que *minorizou* os negros. Percebe-se nos recortes pesquisados que parte dessa não identificação com a negritude se dá pelo fato de o negro ter sua constituição subjetiva embebecida pela branquitude, que o leva a crer que, para ser reconhecido como um ser humano de valor, esse precisaria se parecer com o branco.¹

Assim sendo, esse trabalho elencou três temas, que se conectam entre si ao logo das narrativas,

¹ Raça é uma construção da branquitude. O Racismo se apresenta de forma simultânea em três camadas: a construção das diferenças; os valores hierárquicos; e o poder histórico, político, social e econômico (Kilomba, 2019).

e, por esse motivo, muitas vezes acabam se interligando nos diferentes capítulos, por não se tratar de fenômenos isolados, mais sim, pertencentes a uma mesma problemática que aqui está sendo trabalhada. Para a construção do trabalho, optou-se por elencar três temas para serem abordados que permeiam a questão de padrão de beleza e a construção da autoestima da mulher negra. Os temas percorridos, cada um em um capítulo, são: os efeitos da colonização, mulheres negras e a percepção de beleza e a questão de representatividade.

Portanto, percebe-se que esses temas selecionados estão correlacionados historicamente e acabam por serem fatores essenciais na constituição da mulher negra como uma mulher que se enxerga com beleza e identidade racializada.

Referencial teórico

O trabalho foi desenvolvido como uma pesquisa bibliográfica exclusivamente de autoras negras. É importante reafirmar a escolha metodológica por produções de mulheres negras por estarem em seu lugar de fala e para que as leitoras se sintam aqui representadas e acolhidas em suas potências, questões e vulnerabilidades. O desejo é de *aquilombar*² todas essas e outras mulheres negras que amam e as que são convidadas a amar a negritude. Esse convite fica estendido às mulheres brancas e demais grupos – afinal, como diz a professora e filósofa estadunidense Angela Davis, quando uma mulher negra se movimenta, toda sociedade se movimenta também. Sendo assim, objetiva-se com esse trabalho criar um espaço não só de representação, mas que, através dele, voos mais altos possam ser alçados rumo a representatividade da mulher negra em espaços de fala, de poder e de decisão.

A partir dos estudos bibliográficos de trabalhos de autoras negras, refletiu-se que três fatores impactam na autoestima e bem-estar da mulher negra: o processo histórico de *colonização*, a *percepção dos padrões de beleza* impostos socialmente pela branquitude e a questão da *representatividade*. Cada um dos capítulos a seguir abordará um destes aspectos.

Efeitos da colonização

Grada Kilomba tem origem portuguesa, é escritora, professora e psicóloga e hoje reside na Alemanha. A escritora Kilomba (2019) retrata que o fato da mulher negra não se reconhecer como

² Aquilombar-se, neste texto, assume o sentido de reunião, acolhimento e construção de pertencimento e identidade entre pessoas negras.

uma mulher de valor é consequência do processo de colonização.

É herança do processo colonizador uma estrutura social racista, que se fundamenta basicamente a partir das *diferenças*, entre o que é considerado *superior* e *inferior*. Porém, quem decidiu quem representava os superiores e quem iria representar os inferiores? A diferença está nas origens raciais ditada pelo sujeito branco, que detém o poder de decisão branca, como norma e padrão de superioridade e conseqüentemente ligadas a padrões hierárquicos. Portanto, o modelo do homem europeu como sujeito universal busca minorizar todos aqueles que não apresentam tais características. Esse padrão transforma o outro em *diferente* e *ameaçador*. Cida Bento, mestra e doutora formada em psicologia, escritora e professora, nomeia este fenômeno como *Branquitude* (Bento, 2022).

Ainda quanto às estruturas sociais pós-colonização, percebe-se que as instituições públicas e privadas padronizam uma forma de funcionamento, manejo, ingresso e permanência em um formato homogêneo e uniforme que perpetua a permanência majoritária de homens brancos. Nesse processo, aqueles que dominam permanecem em suas posições, pouco alterando as relações hierárquicas de dominação. Esse pacto velado e não discursivo visa perpetuar os privilégios dos brancos (Bento, 2022). Desta forma, o branqueamento e a branquitude são faces da mesma moeda que visam a falsa justificação do racismo (Bento; Carone, 2014).

Nesse sentido, a elite branca brasileira se fortalece economicamente, politicamente e socialmente e se exime das questões envolvendo a branquitude em total detrimento dos demais grupos. Associado a isso, está o investimento do imaginário branco na construção negativa da imagem ligada ao negro. Que acaba por afetar a autoestima deste e transfere ao negro a responsabilização da discriminação, na tentativa de justificar quaisquer atos de desigualdades raciais. A mensagem velada é do pacto do branco com o branco em não assumirem as responsabilidades sociais do reforço das desigualdades raciais. Para eles, a desigualdade racial não está intimamente ligada à discriminação. Os resultados da escravidão não são pautas discutíveis para os brancos. Estes se negam a discutir sobre a herança simbólica fruto da apropriação indevida e aterrorizante do trabalho escravo de quatro séculos. Quando as questões acerca do processo de escravização aparecem em estudos no século XX, o discurso é de sempre buscar eximir o branco dessa responsabilização, culpabilizando os negros pelos poucos avanços (Bento; Carone, 2014).

Existe um limite imposto e reforçado pelo branco do que é reconhecido e valorizado como ser humano. Surge dessa ideia a não obrigatoriedade de compromisso e distanciamento psicológico com

aquele que não é reconhecido como humano e moral. Se não há a obrigatoriedade de compromisso com esse grupo de indivíduos, as formas mais duras, desumanas e exploratórias se tornam altamente justificáveis. “A imagem que temos de nós próprios encontra-se vinculada à imagem que temos do nosso grupo, o que nos induz a defendermos os seus valores, assim, protegemos o “nosso grupo” e excluimos aqueles que não pertencem a ele” (Bento; Carone, 2014, p.14).

Neste contexto em que há de se diminuir a existência de determinados sujeitos para a manutenção das relações hierárquicas de poder, a mulher negra teve sua imagem associada pelos brancos a suja e selvagem, algo a ser evitado e inviabilizado. Isso fica ainda mais evidente nas falas que expressam os pensamentos coloniais perdurados, por exemplo: *“você lava seu cabelo? Ele não é duro? O pente passa nele?”*

Porém, na cultura afrodescendente o cabelo da mulher negra representa uma consciência política. Durante a escravização dos africanos, a cor da pele era até *tolerada* pelos seus senhores brancos, o que não acontecia com seus cabelos. O cabelo do africano, tido como um símbolo máximo de negritude, foi transformado como símbolo do que é inferior, primitivo e sem civilização. Nesse contexto, as mulheres e homens africanos eram forçados a alisarem os *cabelos ruins* com produtos europeus, um verdadeiro linchamento da identidade. Uma das formas agressivas de se instalar o controle e apagamento dos sinais considerados repulsivos da negritude no olhar do branco. É com seus cabelos e penteados africanos que a mensagem política e de fortalecimento racial tornou-se símbolo mais importante da consciência política dos africanos/africanas da diáspora: “eles são políticos e moldam as oposições de mulheres negras em relação a ‘raça’, gênero e beleza” (Kilomba, 2019, p.127).

Por certo assumir todos os traços fenotípicos está associado pelos brancos ao retorno a primitividade. A mulher negra se vê então nessa dualidade, por um lado, diante da consciência racial e liberdade da descolonização do seu corpo negro e, por outro, o apelo a se render ao *branqueamento*. E muitas vezes essa mulher negra se rende aos apelos dos sinais da branquitude a fim de escapar das agressões. Assim, a mulher negra tem sua negritude apagada. Esse processo de invalidação vindo de pessoas brancas tem o intuito de não ter que lidar com as questões relacionadas à raça. Tornar invisível o visível que não se quer lidar e responsabilizar. Nas representações do coletivo branco, a negritude está relacionada a negatividades.

Esse pensamento coloca o branco como aquele que decide quem é negro ou não, como nos

diz bell hooks - professora, autora, teórica feminista, artista e ativista antirracista estadunidense no livro *Olhares negros* (2019). Inegavelmente os anos de colonização embeberam os negros em sua constituição como sujeitos com pensamentos e atitudes da supremacia branca, o auto-ódio velado. Pensam como eles, andam como eles, se comportam como eles. Se autodenominam antirracistas, mas estão apegados aos pensamentos brancos difundidos ao longo da história. O branco torna-se objeto de desejo do negro nessa tentativa de se auto anular assumindo a branquitude. Assumir e amar a negritude é sinal de perigo para os brancos.

Desta forma, percebe-se que os brancos até aceitam compartilhar espaços e ideias com os negros, desde que sua supremacia branca não seja arruinada em prol do fortalecimento da negritude. É decepcionante para os negros que compartilham relações afetivas com pessoas brancas chegarem a essa constatação. Podemos compartilhar espaços, relações afetivas e sexuais, mas sem retirar o branco do seu lugar de privilégios, de superioridade, de inteligência, de civilizados e lugar de desejado. Deixar de falar de raça, não irá acabar com todas as problemáticas que envolvem o tema.

Não há vítimas passivas da socialização quando os brancos argumentam que também cresceram em uma sociedade racista e talvez simplesmente foram ensinados. Esse discurso tenta eximir o branco de qualquer reponsabilidade e de usufruir de seus privilégios já que assim foram doutrinados. Discurso de quem não quer ser responsabilizado por suas escolhas e atitudes. Existe uma dominação supremacista branca institucionalizada. Se há um sistema que domina, logo, existe o dominado. Sentimentos negativos de brancos para negros ou/ e de negros para brancos não exercem poder de dominação simplesmente, são sentimentos. Isso não é o exercício de dominação e racismo. O fato de negros buscarem estar e se reunir com pessoas negras, muitas vezes é questionado pelo branco como uma atitude racista e segregadora. Mas o negro que já foi separado e inferiorizado está em busca de acolhimento daqueles que compreendem sua exclusão e dores, e que estejam em procura dessa constante proteção da objetificação, o *aquilombar-se*.

Ou seja, a indiferença do negro para com o branco não altera o acesso do branco a privilégios e não o inferioriza como humano. O processo de descolonizar a mente e passar a amar a negritude rompendo com os pensamentos enraizados da supremacia branca, por vezes é tido como um rompimento do *status quo*, temido por pessoas brancas. Por outro lado, há discursos da supremacia branca de que os negros valorizem o *status quo* da branquitude e deixem a negritude apenas como marcadores de vitimização e impotência. Negros que se rendem a branquitude até podem alcançar

alguns resultados materiais, mas isso em detrimento de sua identidade, conexões positivas e experiência com a negritude. “Amar a negritude como resistência política transforma nossas formas de ver e ser e, portanto, cria as condições necessárias para que nos movamos contra as forças de dominação e morte que tomam as vidas negras” (hooks, 2019, p. 63).

Mulheres negras e a percepção de beleza

A escritora Giovana Xavier, teórica feminista negra, professora da UFRJ, com doutorado em História Social (Unicamp/New York University) e com pós-doutorado (UFF), em seu livro *História social da beleza negra* (2021), nos traz um apanhado referente aos ataques sofridos por mulheres afro-americanas entre os séculos XIX e XX. As mídias, comerciais em jornais e a indústria cosmética agiam sem escrúpulos para alcançarem seus objetivos financeiros e segregadores.

O capitalismo industrial impulsionava essa falta de ética. A pele branca era sinônimo de beleza, urbanismo, civilidade e respeito, o que as mulheres negras não detinham por conta da pele escura. Fica claro que as características da mulher branca eram exaltadas nos Estados Unidos, depreciando as características da mulher fenotípicas negras (Xavier, 2021).

Já não bastavam as mulheres negras sendo violentadas por todo lado, por incentivos e pressão em se tornarem mulheres brancas, o sistema de vendas porta a porta chega em 1986 com a empresa que se tornaria a Avon. Essa e outras marcas chegam oferecendo uma ideia de nova beleza que travestia teorias *eugenistas*³. Campanhas como a da empresa Palmolive destacavam que a compleição perfeita era da jovem com pele clara. As campanhas de cosméticos que prometiam o alcance dessa compleição perfeita eram implacáveis com as mulheres negras. Os comerciais e impressões em jornais e revistas da época, fortaleciam e reforçavam uma fala eugenista, associando mulheres de pele branca como padrão universal de beleza, limpeza e civilidade, um objetivo a ser alcançado pelas mulheres negras (Xavier, 2021). Aliado a isso estavam os comerciais que associavam a imagem de mulheres negras e indígenas a produtos de limpeza e consumo de álcool.

As campanhas cosméticas não mediam esforços e crueldade em suas propagandas. Chamadas divulgadas como *Conselhos de beleza para compleições escuras* ofereciam produtos cosméticos que clareavam a pele. Os famosos clareadores de pele da época prometiam branquear a pele não

³ Eugenia se traduz como uma prática de eliminação e esterilização em busca do que se compreendia um suposto “aperfeiçoamento” da raça humana. (Xavier, 2021).

importando quão escura fosse. Em seguida, surge os alisadores de cabelos, que prometiam cabelos lisos e macios.

Somado a uma jornada de trabalho extenuante e totalmente limitante de oportunidades e valor, a mulher afro-americana do século XX precisava lidar com a pressão de tornarem brancas e civis, o que aparentemente lhes trariam mais oportunidade, respeito e civilidade (Xavier, 2021).

Aliado a todo esse cenário, havia ainda as questões de segregação. As Leis segregacionistas empurravam as mulheres a se renderem aos branqueadores, estimuladas e incentivadas por jornais negros, que destacavam esse incentivo como um autocuidado e acolhimento (Xavier, 2021). Esse contexto cercado de inseguranças e vulnerabilidades, faziam com que as mulheres negras adotassem os clareadores como uma forma de sobrevivência em meio ao perigo e ameaças de linchamento constante. Os clareadores eram destinados a área do rosto, pescoço, colo e mãos. A mulher negra devia usar roupas que tampassem o restante da pele com o intuito de não parecer uma mulher africana. A negritude disfarçada e escondida aos olhos de quem detinha o poder de julgar o que era beleza e civilidade, a supremacia branca.

A *inescrupulosidade* ainda não tinha atingido seu ápice. A empresa *Crane e CO* dos Estados Unidos, lançou a publicidade de um produto que seria capaz de tornar a pele de uma pessoa negra de quatro a cinco tons mais clara: o *removedor de pele preta*, como era anunciado (Xavier, 2021). A racialização estampada no rótulo de um produto que mesmo com um anúncio agressivo, prometia o milagre de ascender e ser respeitada. Aqui a *pigmentocracia*⁴ escancara seu discurso agressivo e estereotipado. Essas barreiras enfrentadas pelas mulheres negras eram encontradas nas comunidades negras também. Quanto mais retinta a mulher, mais barreiras e menos oportunidades recebia. O discurso pregado e difundido nas comunidades negras, era que através do clareamento da pele da mulher retinta essa teria acesso a equidade racial, individual e familiar (Xavier, 2021). A beleza era branca e de cabelos lisos macios, que refletia limpeza, liberdade, modernidade e urbanismo.

Além disso, a falsa sensação de ascensão fica demonstrado na figura de mulheres que alcançaram ascensão em passarelas, em capas de revistas de moda e na música. Essas tinham suas imagens incorporadas pela branquitude com o objetivo de apagar qualquer tentativa de afirmação do poder negro. Isso fica nítido nas mulheres negras que estampavam as capas de revistas sempre com

⁴ Pigmentocracia como uma face do racismo que irá tratar os indivíduos de acordo com a construção social sobre o tom de pele (Xavier, 2021).

fundos brancos e cabelos longos e lisos. Um marketing voltado a transmitir a mensagem de ser uma revista racialmente inclusiva ainda que os corpos e cabelos dessas mulheres negras sejam alterados em formato animais que pareçam o mínimo possível com ser humanos e que contraste com a beleza tida como universal.

As revistas, sem qualquer indício de escrúpulos, aliavam a tentativa de construir a imagem de uma marca inclusiva, ao tempo, que estilistas famosos estampavam seus modelos de roupas em pessoas negras que não tiravam a atenção dada a exposição da marca. Os trajes tinham os holofotes voltados somente para eles. A modelo perfeita invisível. As revistas insistiam na ideia de ter modelos negras com o falso objetivo de romper com os estereótipos universais da beleza. Modelos negras de pele não retinta, com cabelos castanhos que devam parecer com suas colegas modelos brancas em um subtexto racializada. Racializada se contextualiza no sentido que se for para despertar uma mensagem sexual dos trajes, a modelo era a negra. A modelo negra para se manter no universo da moda, e podemos aqui citar como exemplo a modelo Naomi Campbell, passava pelo processo da imagem *étnica higienizada*, que pode ser entendido que, mesmo a mulher negra sendo atraentemente diferente, para serem reconhecidas como bonitas precisavam parecer com as mulheres brancas (Xavier, 2021).

Portanto, a mulher negra na história das sociedades ocidentais nunca foi referência de beleza. A percepção que essa sempre teve como padrão de beleza rodeava em torno da mulher branca. A mensagem propagada e reforçada era, para ser bonita, a mulher negra deve parecer com a mulher branca. Conforme hooks (2019, p. 154):

...para desafiar representações dominantes, é necessário antes de tudo compreender como elas funcionam, para então procurar os pontos de possíveis transformações produtivas. Desse entendimento brotam várias políticas públicas e práticas de produção cultural de resistência, entre as quais estão as intervenções feministas.

Todavia, no Haiti, país que teve outra história de enfrentamento à colonização, se percebe um outro cenário: em pesquisa autoral, a enfermeira e Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal do Paraná, Flaviane Silva identifica que as migrantes haitianas apresentaram outra relação com o corpo e com a cultura. Essas expressam uma relação positiva com o corpo, com os cabelos e com a identificação racial. Exemplo disso, são o uso de tranças e cabelos naturais como expressão e liberdade dessa beleza e estética negra que valorizam e acentuam a cultura (Silva, 2020). Esta percepção reforça o quanto a visão de beleza é construída socialmente.

Representatividade

Outro ponto a ser debatido é a questão de representatividade. Este talvez seja um aspecto menos abordado do que os anteriores na literatura sobre racismo e por autoras negras, que é o foco desse trabalho, até por ser uma reflexão mais recente, mas não menos importante. Desta forma, serão reunidos alguns debates sobre o tema, ainda de forma preambular.

Antes de mais nada, precisamos diferenciar representação de representatividade. Bárbara Carine, professora, escritora, formada em Química e em Filosofia pela UFBA, aborda esta questão em seu livro *Como ser um educador antirracista* (2023). *Representação* se refere a imagem de pessoas negras aparecendo na televisão, em propagandas, em desfiles de moda, estampando capas de revista e em bancas de telejornais. É o discurso da falsa inclusão da branquitude, de pessoas negras em espaços brancos, mas não deixa de ter também sua relevância. Já a *representatividade* a qual queremos dar ênfase, diz a respeito de pessoas negras ocupando espaços de poder, assim representando sua classe social, gênero e/ou etnia. Exercendo um papel de representação onde transmita quais são as fragilidades e urgências do grupo representado, promovendo espaço e amplificando vozes de grupos tidos como minoritários. Diante disso, compreendemos como a representatividade é um componente essencial na construção de identidade e de agenda política que represente a mulher negra em suas especificidades (Pinheiro, 2023).

Contudo, falta em muitos espaços a representatividade de pessoas negras, e, especialmente mulheres, com as quais a população negra possa se identificar. O padrão que se constituiu ao longo da história é o padrão eurocêntrico, essa é a representatividade que circula e ocupa espaços de poder. Os padrões sociais hegemônicos europeus se mantem em detrimento dos demais grupos. Nesse sentido, percebe-se que esse marcador limita a construção de uma identidade diante do sentimento do negro não pertencer a esse padrão. Se não nos vemos em espaços, logo, não nos projetamos nele (Pinheiro, 2023).

Esta dificuldade de criação de referenciais de identificação ocorre desde a infância. Em *O perigo de uma história única* (2019), a filósofa e escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie conta como os livros de literatura infantil aos quais tinha acesso só traziam homens brancos, geralmente ingleses, como protagonistas, e reflete a dificuldade de uma menina negra se identificar com estes personagens e a importância disso para a construção de sua subjetividade (Adichie, 2019).

Desta maneira, “a criança é forçada a criar uma relação alienada com a negritude, já que os heróis desses cenários são brancos e as personagens negras são personificações de fantasias brancas” (hooks, 2019, p. 154).

Todavia não é o que acontece com o branco. Esse já nasce inserido em uma sociedade que fortalece os privilégios brancos, onde a autorrepresentação e ocupação de espaços de poder são considerados “*normais*” (universais). Kilomba (2019) narra que a imagem do negro historicamente foi construída como negativa, enquanto a do branco como positiva, o que acabava por distanciar uma identificação do negro com o negro. “Havia todas essas imagens terríveis de pessoas negras nos livros, (...) ou na televisão, nas notícias, nos jornais, basicamente em todos os lugares ” (Kilomba, 2019, p.154).

Sabe-se que a construção de identidade se faz em um processo social de representações e, nesse sentido, a pessoa negra se vê forçada a criar identificações com pessoas brancas por não encontrar representatividade negra, ou porque a imagem negra não é positiva. Neusa Santos Souza, importante psiquiatra, psicanalista e teórica na formação de médicos e profissionais da área da saúde, discorre sobre o tema no seu livro: *Tornar-se Negro essa questão de identidade racial*. Segundo a autora, as tentativas de ascensão do negro estão relacionadas ao rendimento a branquitude em detrimento de sua identidade (Souza, 2021, p.53).

Se este cenário já se apresenta desafiador para pessoas negras como um todo, é ainda mais complexo se consideramos duas marcações identitárias que alcançam as mulheres negras: raça e gênero. Carla Akotirene, pesquisadora escritora, mestra e doutora em Estudos de Gênero, Mulheres e Feminismos pela UFBA, onde é professora assistente, chama este fenômeno de *interseccionalidade* como avenidas identitárias que promovem barreiras sociais e sexistas. *Interseccionalidade*, portanto, se resume em várias avenidas que em algum momento esses marcadores se cruzam (Akotirene, 2021).

A mulher negra foi condicionada a reconhecer o racismo e menosprezar os riscos do sexismo. Desta forma, mesmo nos movimentos feministas, é a mulher branca que dita o que é importante e será ouvido, e assim as relações coloniais perduram veladamente – como aponta Reni Eddo-Lodge, jornalista e escritora britânica que nasceu e cresceu em Londres, criada pela sua mãe nigeriana, no seu livro: *Por que eu não converso mais com pessoas brancas sobre raça* (2019).

A representatividade da luta das feministas ocidentais não abarca a mulher negra em sua totalidade, pois as feministas brancas se negam a colocar em pauta a questão raça e não se posicionam

contra o racismo. Um feminismo que não representa a mulher negra por não reconhecer suas vulnerabilidades. O feminismo branco ocidental debate sobre as violências de gênero, sexismo, mas se nega a entrar na questão racial por se apropriarem dos privilégios brancos. Como resultado dessa negação, temos o silenciamento das mulheres negras em suas causas legítimas, enquanto a universalidade do feminismo branco é tida como a pauta universal a ser discutida e de receber voz e holofotes. Em outras palavras, o silenciamento da mulher negra faz com que a mulher branca não seja perturbada no desfrute de seus privilégios (Eddo-Lodge, 2019). Desta forma, a mulher negra muitas vezes não encontra referenciais de representatividade sequer dentro de determinados movimentos feministas.

Resultados e discussões

A partir do referencial teórico, suscitam-se algumas questões de debate. A primeira delas está relacionada à questão da identidade. Podemos trazer a questão de o negro ser considerado como *sujeito no coletivo* pela branquitude, e não no individual como o sujeito branco. A imagem do negro já está construída socialmente, enquanto a do branco é tratada de forma individualizada (Bento; Carone, 2014).

Souza (2021) traz também para esse debate estudos que demonstram os prejuízos psicossociais sofridos pela comunidade negra no processo de branqueamento, na constituição individual e grupal. O negro tem sua visibilidade destacada, estereotipada socialmente e moralmente ligada a traços fenotípicos (raça), enquanto a invisibilidade do branco é lida como algo natural já que esse é a representação do que é civil. Angela Davis, em seu livro: *Mulheres, Raça e Classe*, ela traz a seguinte afirmação: “de acordo com a ideologia dominante, a população negra era supostamente incapaz de progressos intelectuais. Afinal, essas pessoas haviam sido propriedade, naturalmente inferiores...” (Davis, 2016, p. 109).

Nisso, vemos o reforço da imagem negativa do negro, que como resultado, evita se identificar com a negritude perante essa construção social. O pós-colonialismo nos inquieta a pensarmos e repensarmos sobre os modelos expostos na sociedade. Esses modelos não são de pessoas negras, mas sim, de pessoas brancas. Confrontar e desconstruir o processo de colonização é desbancar um pensamento hegemônico que busca o rompimento que resulta em liberação histórica e cultural. Um rompimento com todas as estruturas dominantes linguísticas, discursivas ou ideológicas.

Neste cenário conflitivo, o negro se depara com sentimentos ambivalentes em relação ao branco, por conta de todas as situações relatadas ao longo da história: *quero me libertar do processo de colonização, mas, em contrapartida, sofro o risco da repressão e interiorização, do qual quero me proteger*. Já a relação do negro com negro está a busca pela identificação. A busca do negro pelas histórias, conquistas, biografias e experiências negras se relacionam com uma tentativa de identificação que o proteja da alienação da branquitude e que firme essa identificação positiva com sua própria negritude. Souza destaca sobre o preço pago pelo negro nessa tentativa de ascensão social (2021, p.46):

O negro que se empenha na conquista da ascensão social paga o preço do massacre mais ou menos dramático de sua identidade. Afastado de seus valores originais, representados fundamentalmente por sua herança religiosa, o negro tomou o branco como modelo de identificação, como única possibilidade de “ tornar-se gente”.

Quando, para além da raça, se leva em conta também o fator gênero, nos deparamos com outras complexidades. O padrão de mulher branca dita que a mulher não deve responder, deve ser dócil e agradável, caso não seja, será tida como uma mulher feia e indesejável, e feia é o que as mulheres menos desejam ser, e o que o mundo do patriarcado esperam que elas não sejam. Ter a mulher negra como raivosa fala mais sobre patriarcado e branquitude, destaca Eddo-Lodge, e na escala de beleza, nossa negritude nos situa no fim da escala (2019, p.157):

Eu costumava ter medo de ser percebida como uma negra raivosa. Mas logo percebi que qualquer quantidade de emoções autênticas que eu demonstrasse poderia e seria interpretadas como raivosa. Minha assertividade, paixão e excitação podem ser usadas contra mim. Não demonstrar raiva não iria me impedir de ser rotulada como raivosa, então pensei: foda-se. Decidi falar o que penso.

Mulheres negras não constituem um espaço de fala legitimada em uma sociedade de supremacia branca, racista e sexista. Aquela que sofre esse tipo de agressão não se pode defender por não ser ouvida. As inquietações, quando geradas, são manifestadas a partir do ponto de vista de mulheres brancas. A visibilidade que pautas antirracistas alcançam, na maioria das vezes são levantadas pelo olhar branco, com suas percepções que não representam a comunidade negra em sua totalidade. Trata-se então de uma voz que fala a partir de suas percepções distantes da realidade e totalmente romantizadas. Se o sujeito em sua subjetividade não se sente incorporado nas esferas política, social e individual, esse sujeito não se sente incluído e reconhecido (Kilomba, 2019).

Mesmo movimentos feministas brancos que se inclinam a lutar por valores democráticos e igualitários, por vezes menosprezam e aceitam injustiças para todos aqueles que não fazem parte

do seu grupo. Convidam e esperam que as mulheres negras se associam ao movimento desde que não se movimentem a fim de trazer desordens e estejam dispostas a aceitar o *tokenismo*⁵, sem querer mexer nas estruturas. Sem dúvida, o movimento feminista se torna um problema para as mulheres negras por ser reconhecido como universal que abarca todas as mulheres. É um problema porque a humanidade é reconhecida através de um prisma de branquitude. “O feminismo precisa reivindicar um mundo no qual a história racista é reconhecida e explicada, na qual as reparações são distribuídas, nas quais a raça é completamente desconstruída” (Eddo-Lodge, 2019, p. 154).

Sendo assim, justifica-se o desejo da formação de grupos feministas negras também pela necessidade de desconstruir os padrões de beleza eurocêntricos enrijecidos e alimentados. Nos espaços de encontros de feministas negras o método de criação de consciência de militância existe o desabafo e apoio que sustentam as pautas como a interseccionalidade que cruzam duas discriminações enfrentadas por mulheres negras: o sexismo e o racismo (Eddo-Lodge, 2019).

Deste modo, entende-se que essa luta por vezes será coletiva, em outras vezes, será solitária, e é preciso estar preparada para as duas situações. Audre Lorde, poeta feminista negra deixou seu pensamento como reflexão que ecoa, “seu silêncio não irá protegê-la (...) *Quem ganha quando não falamos? Não nós.*” (Lorde, 1984, *apud* Eddo-Lodge *et al.*, 2019, p. 157).

Conclusão

A autoestima da mulher negra é historicamente afetada pelas construções da branquitude sobre estética, pelos efeitos objetivos e subjetivos da colonização e da escravização e pela falta de representatividade. Por isso a importância da mulher negra se reconhecer como tal e assumir sua negritude. Para Neuza Santos Souza, um ser autônomo é um ser que possui um discurso sobre si mesmo. Um olhar de como é ser negro em uma sociedade branca de estética e comportamentos, de classe e ideologia branca dominante (Souza, 2021). Nas palavras da autora: “Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar a sua história e recriar-se em suas potencialidades” (Souza, 2021, p. 46).

⁵ *Tokenismo* pode ser compreendido como uma falsa representatividade social travestida de inclusão. (Eddo-Lodge, 2019).

Durante 400 dos 500 anos do Brasil, a prática da escravização foi mantida a custo de mortes incontáveis e legitimada por todos aqueles que usufruíram dessa prática. As atrocidades não cessaram por aí. Rui Barbosa em uma atitude desmoralizada de apagar esses anos de exploração, apropriação indébita concreta e simbólica, queimou documentos importantes que relatavam essa parte da história do derramamento do suor e do sangue do negro (Bento; Carone, 2017). Portanto, esse esforço que persiste em apagar e/ou suavizar como o processo de escravidão se manteve intacto durante séculos, *beneficia a quem? Não aos negros*. Queima de documentos importantes que relatavam o processo de escravização, processo de extinção, processo de miscigenação e cultura do branqueamento relatam a tentativa incessante e sem ética de extinguir o negro, que hora foi arrancado da sua nação, retirado sua identidade, viu sua família ser desconstruída, explorado no trabalho árduo e extenuante e depois liberto a própria sorte.

Em suma, essa é a história dominada como *mancha negra* que o Brasil quer apagar e esquecer. Não falar sobre raça não resolve o problema. O negro deseja e luta para que sua história não seja esquecida ou suavizada. A luta do movimento negro é que esse país reconheça a sua história, pois somente assim, será possível se encontrar com a sua identidade racial. É preciso um esforço na compreensão de que o processo de branqueamento está intimamente ligado a perda de identidade, nessa tentativa de se construir um país mais igualitário (Bento; Carone, 2014).

Sendo assim, desejo não é de ser incluída apenas, mas sim, de desconstruir as estruturas e reconstruir as lógicas de relações sociais. Buscamos por libertação de todas as marcas deixadas e sofridas por minhas características fenotípicas tidas e construídas historicamente como negativas pela branquitude. A conta desse ônus para mudar está sobre o mundo e não sobre mim.

Decerto que o objetivo desse trabalho foi alcançado. Com um objetivo muito maior ele foi escrito. Objetivo esse de que todas as mulheres negras, possam entrar em contato com esse artigo, e a partir dele, recepcionem com o coração aberto o convite a amar a negritude. “Amar a negritude como resistência política transforma nossas formas de ver e ser e, portanto, cria as condições necessárias para que nos movamos contra as forças de dominação e morte que tomam as vidas negras” (hooks, 2019, p.63).

Nesse sentido, o convite a amar a negritude não é restrito aos negros, mas sim, um convite estendido aos brancos e todos os demais grupos não negros que compreendam a necessidade urgente



CONVERSAS EM PSICOLOGIA

ISSN 2764-5053

de desbancar a supremacia branca. O processo de reconhecimento e aceitação da branquitude pelo branco, é o estágio inicial de uma identidade racial não racista.

Somente através desse reconhecimento racial e abertura a essa identificação, será possível estar livre desse padrão de beleza que a séculos nos mutilam e nos fragilizam enquanto mulher negra. “Assim, compreender o branqueamento *versus* a perda de identidade é fundamental para o avanço na luta por uma sociedade mais igualitária” (Bento; Carone, 2014, p.54).

Portanto, que as mulheres negras dessa nação, que fazem parte da população majoritariamente negra, não se curvem e não se submetam a passar pelo que incontáveis mulheres negras passaram. Como preconiza hooks (2019, p. 154):

...para desafiar representações dominantes, é necessário antes de tudo compreender como elas funcionam, para então procurar os pontos de possíveis transformações produtivas. Desse entendimento brotam várias políticas públicas e práticas de produção cultural de resistência, entre as quais estão as intervenções feministas.

Por fim, alguns questionamentos ficam em aberto para novas pesquisas. Sobre a ambivalência de sentimentos acerca da branquitude, é possível escapar dela? É possível manter o símbolo maior de resistência política, os cabelos afros, e conseguir emprego em uma sociedade de supremacia branca? São questões que, para além da esfera teórica, precisarão ressoar em muitos outros espaços para a promoção de relações mais saudáveis – para as mulheres negras, e para toda sociedade.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen Produção Editorial LTDA, 2021.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BENTO, Maria Aparecida Silva; CARONE, Irany. **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes Limitada, 2017.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.

EDDO-LODGE, Reni. **Por que eu não converso mais com pessoas brancas sobre raça**. Belo Horizonte: Editora Letramento, 2019.

hooks, BELL. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Editora Elefante, 2019.



KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista: Para familiares e professores**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2023.

SILVA, Flaviane Andreele Jacinto da *et al.* Percepção das mulheres imigrantes Haitianas sobre concepção de corpo, saúde e cuidado. In: **New Trends in Qualitative Research**, v. 3, p. 797-807, 2020.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. São Paulo: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2021.

XAVIER, Giovana. **História social da beleza negra**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.

DADOS DE AUTORIA:

¹ Estudante do décimo período de Psicologia da Unifatec-PR, Tecnóloga em Logística (UP), Bombeira Militar (PR). E-mail: sandrargconstante@gmail.com

¹ Psicólogo, Mestre em Planejamento e Governança Pública (UTFPR), Doutorando em Tecnologia e Sociedade (UTFPR). E-mail: Pedro.Carneiro@unifatecpr.com.br